

trono partido

victoria aveyard


Tradução de Teresa Martins de Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Não posso crer que estejam comigo há tanto tempo.

Obrigada.




Ao longo dos meus estudos em Norta, sempre dei comigo a contornar as arestas dos acontecimentos apenas conhecidos como as Calamidades. Sempre me fascinaram as histórias do nosso passado distante, bem como as lições nelas contidas. Infelizmente, as linhas temporais pré-Prateadas sempre estiveram crivadas de lacunas e são difíceis de verificar, já que as fontes primárias se perderam na sua maior parte. Apenas os acontecimentos relativamente recentes (recentes reportando aos últimos 1500 anos) se podem considerar definitivos. Não obstante serem já pontos de registo aceites, são ainda assim vitais, como os primeiros passos de um caminho.

Assim sendo, devo basear toda a minha investigação nesta relevante linha temporal, correlacionada tanto com os arquivos de Delphie como com as criptas da Montanha do Chifre (nota: as datas baseiam-se no calendário de Norta; as minhas desculpas à República):

- AE = Antiga Era, antes da formação de Norta
- NE = Nova Era, depois da formação de Norta

Antes de 1500 AE: Civilização por todo o continente ainda em fase de evolução a seguir às Calamidades

1500 AE: Início do Período da Reforma — as civilizações do continente começam a estabilizar e a reconstruir-se



950 AE: Julgamento de Barr Rambler — registro mais antigo verificável de indivíduos Prateados (um *strongarm*¹ exibe as suas aptidões ao ser julgado por roubo)

~900 AE: Fundação da Dinastia Finix, formação do Reino de Ciron, o mais antigo reino liderado por Prateados no continente (segundo a tradição cironiana)

202 AE: A seguir à guerra civil, o Reino de Tiraxes reestrutura-se na atual triarquia

180 AE: Formação do Reino de Tetonia no que virá a ser a atual Montfort. Tetonia é um de muitos pequenos reinos e terras a brotar nas montanhas

72 AE: Formação do Reino das Lakelands através das conquistas da Linhagem Cygnet

0 NE: Formação da moderna Norta sob a dinastia da Casa Calore — os reinos menores e cidades-estados da região são forjados num só

2 NE: Uma aliança entre o Piemonte e Norta é estabelecida por matrimónio, formando

¹ Braço Forte ou braço de ferro. (N. de T.)

o alicerce de uma duradoura ligação entre
ambas as nações

170-195 NE: As Guerras Fronteiriças entre
as Lakelands e vários senhores da guerra de
Prairie

200 NE: A Guerra das Lakelands tem início
entre Nortá e as Lakelands

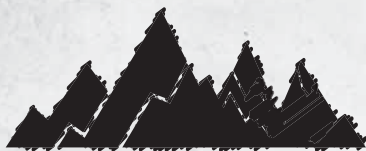
296 NE: Dane Davidson, futuro presidente da
República Livre de Montfort, foge de Nortá

321 NE: A Guerra Civil de Nortá — secessão
da Brecha, abdicação do Rei Tiberias VII de
Nortá, queda do Reino de Nortá, abdicação do
Rei Ptolemus da Brecha, abdicação da Rainha
Evangeline da Brecha, formação dos Estados
de Nortá

Os acima mencionados são pontos altos selecionados de factos históricos, que podem ser encontrados em praticamente qualquer texto admissível de Ascendant a Harbor Bay. Não estou sobremaneira interessado no que já apurei, nem tampouco os eruditos da Montanha do Chifre. Após semanas de estudo, para mortificação de Sara, tentei compilar uma espécie de panorâmica do tempo anterior à Reforma. Há que notar, a informação não é de todo científica e, presentemente, impossível de

correlacionar. Grande parte do que encontrei contradiz diretamente outras fontes, pelo que tentei pintar um quadro do que coincide.

Muitíssimo útil foi uma coletânea meticulosamente preservada de anuários de papel ou panfletos, conservados numa sala climatizada e pressurizada nas profundezas das criptas da Montanha do Chifre. Os registos indicam terem eles sido ali guardados antes



da existência de Montfort, há mais de um milhar de anos quando as criptas foram pela primeira vez seladas. Devo assumir que as criptas, originalmente construídas para sobreviver às Calamidades, foram armazenadas com informação destinada a sobreviver aos seus detentores. Vários dos documentos parecem pertencer a um mesmo conjunto, e apresentam o que foram outrora bonitas fotografias. A tradução foi difícil, mas não impossível. Um conjunto chamava-se talvez Geografia da Nação ou algo assim, ao passo que o outro é muito simplesmente rotulado de Tempo².

Primeiro, temos de trabalhar para trás a partir de um ponto fixo da História — sendo este, para nós, o marco de 1500 NE que inicia a Reforma. Tudo antes e depois das Calamidades está envolto em nevoeiro histórico, sobrepondo-se frequentemente o mito ao facto.

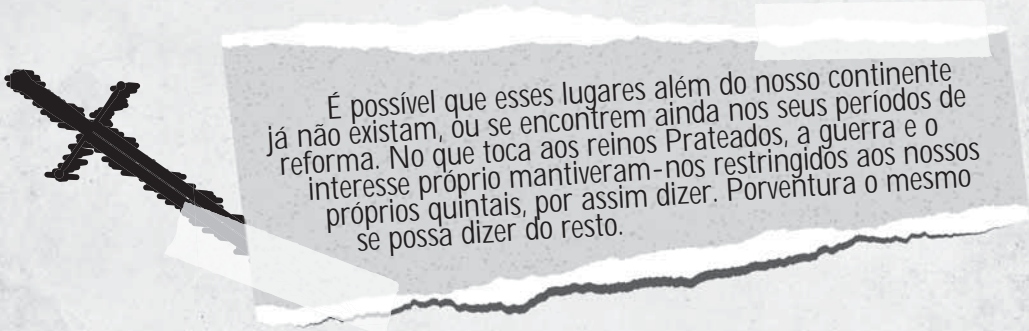
² Alusão às revistas *National Geographic*, no original *Nation's Geography*, e *Time*. (N. de T.)

³ Alusão ao personagem de banda desenhada Batman. (N. de T.)

Fui também extremamente parcial relativamente a alguns livros ilustrados detalhando as proezas de uma pessoa-morcego atormentada de angústia que lutava contra o crime.³

Sabemos ao certo que as ditas Calamidades efetivamente terminaram ou estropiaram severamente as civilizações anteriores à nossa, tanto que estamos, ainda agora, a formar um quadro desse tempo.

Segundo as fontes da Montanha do Chifre, a primeira das chamadas Calamidades — a mais destrutiva e duradora — foi uma catastrófica alteração do clima devida à poluição generalizada à escala global. Piorou ao longo das décadas, cada ano pior que o anterior. A seca abalou grande parte do mundo, incluindo terras além dos oceanos que delimitam o nosso continente, lugares que estou ainda longe de abarcar.



É possível que esses lugares além do nosso continente já não existam, ou se encontrem ainda nos seus períodos de reforma. No que toca aos reinos Prateados, a guerra e o interesse próprio mantiveram-nos restringidos aos nossos próprios quintais, por assim dizer. Porventura o mesmo se possa dizer do resto.

A seca, a seu tempo, levou ao colapso da agricultura, à fome, migração, convulsão e guerra nas áreas afetadas, com muitos refugiados tentando fugir para as regiões que ainda produziam alimento. Por todo o lado e amiúde estalaram guerras por recursos, por água, combustível, terra, etc. Estas foram amplamente observadas em confrontos entre organizações, ou entre organizações e povos indígenas. Muito poucos governos de maior porte entraram diretamente em conflito nos primeiros anos das guerras por recursos.

A alteração climática provocou sistemas de tempestades mortais, tanto em terra como no mar, levando muitos a rumar das costas para o interior, onde deram consigo a enfrentar nevascas, tempestades de gelo, tornados e prolongadas tempestades de areia provenientes da seca. Os padrões de temperatura em rápida mutação forçaram efetivamente os seres humanos ao limite, simultaneamente levando à extinção de muitas plantas e animais. A subida do nível do mar contribuiu igualmente para o efeito de contenção, forçando as populações a cada vez menores áreas de habitação. Houve igualmente inundações extremas, que transformaram a foz do Rio Grande e região envolvente, submergindo centenas de quilómetros de terreno e formando as linhas costeiras que hoje conhecemos.



Em conjugação com as inundações, terremotos generalizados alteraram a linha costeira ocidental, formando um mar no que era outrora um imenso vale.

Vulcões há muito adormecidos entraram em erupção no Noroeste, lançando milhões de toneladas de cinzas no ar.

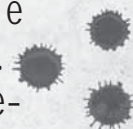
É interessante notar que, enquanto múltiplos tremores de terra e desastres naturais devastaram o continente, o mais temido cataclismo nunca se deu. Segundo os textos preservados, tanto cientistas como leigos estavam incrivelmente preocupados com a possível erupção do vulcão caldeira⁴ sob o que é agora o Vale Paraíso. A dita erupção teria mudado o clima mundial e destruído a maior parte do continente em que agora

⁴ Caldeira de Yellowstone. (N. de T.)

vivemos. No tempo dos textos preservados, os cientistas postularam que a bacia da caldeira há muito estava em vias de sofrer uma erupção. Por agora, estamos muito além disso. Solicitarei ao Presidente e à Assembleia do Povo que organizem uma equipa analítica que mantenha o controlo sobre o Vale Paraíso e o gigante adormecido por baixo dele.

Não é de surpreender que, no meio de tal turbilhão, a doença tenha grassado em muitas regiões, alastrando para fora, mesmo para grupos «seguros». Muitas doenças eram versões mutantes de enfermidades menos ameaçadoras ou doenças previamente erradicadas encontrando nova oportunidade em populações outrora protegidas. Milhões por todo o mundo sucumbiram a enfermidades que haviam outrora sido consideradas curáveis, e a maioria das civilizações começou a desmoronar-se.

Tudo isto, claro, foram ações da natureza ou, poderiam alguns argumentar, ações dos deuses. Assim não foi com a última das Calamidades, um ato de escolha e um ato dos homens. Temos hoje poderio militar, bombas e projéteis de variado tamanho e qualidade, mas nada comparável às monstruosas armas que os nossos antepassados criaram. De algum modo, através da fissão dos mais ínfimos pedaços de existência, os cientistas do antigo mundo descobriram que podiam fazer as mais destrutivas das armas, chamadas bombas nucleares. Estas foram, no decurso dos vários desastres acima descritos, usadas através do mundo



conhecido com vários graus de destruição. Mesmo antes do advento da guerra nuclear, governos e cidadãos temiam estas armas. Muitos planejaram em conformidade. As criptas da Montanha do Chifre foram elas próprias concebidas para sobreviver a tal ataque, profundamente escavadas na rocha. Segundo os textos nelas contidos, este nosso continente foi largamente poupado ao pior destas armas. Terras há além do oceano que não existem já, agora transformadas em gelo ou varridas pela areia, arrasadas pela ira de uns quantos e a ignorância de muitos. De longe pior do que as bombas em si foi, aparentemente, o rescaldo. Doença causada pela radiação alastrou com o fumo e as cinzas. Países inteiros foram destruídos, civilizações soçobraram. Tal foi o caso no nosso próprio continente, conforme demonstrado pelas ruínas do Estuário e do Cog. Estas terras estão ainda demasiado irradiadas para serem reabitadas, envenenadas por atos de há milhares de anos.

A despeito do que me diz a minha pesquisa, considero inconcebível a vasta destruição alcançada pela tecnologia militar, e mais farei para corroborar estas descobertas. Simplesmente não pode ser possível. Nem mesmo o mais forte dos Pratedos pode demolir uma cidade, e nem mesmo as nossas bombas podem transpor um oceano para incinerar dezenas de milhares de pessoas. Porventura será ignorância minha, mas não consigo abarcar a morte de milhões por ordem de um.

Há poucos marcadores fixos de tempo durante as Calamidades, especialmente com acontecimentos de longa duração como a alteração climática, que ainda se encontra largamente em ação no nosso mundo.

Os cientistas de Montfort têm vindo a intentar escavações no gelo que eu não compreendo inteiramente, mas o seu trabalho no Norte é reportadamente inestimável para a linha temporal antes da Reforma e mesmo durante as próprias Calamidades. Registarei o que puder das suas descobertas quando nos forem disponibilizadas, mas, até à data, as primeiras notícias parecem indicar que uma queda de cinza radiada aterrou no Norte longínquo sensivelmente há dois mil anos. Isto situa pelo menos um ato de guerra nuclear (AGN) aproximadamente em 2000 AE, quinhentos anos antes da Reforma. Podemos então determinar que o verdadeiro colapso, pelo menos no nosso continente, durou meio milénio até que as civilizações comesçassem a reformar-se.

Ligar a Reforma e o AGN a uma linha de tempo pré-Prateados, pré-Calamidades, prova ser complicado, e de novo temos de procurar pontos de transposição. Há várias menções a uma seca catastrófica nos textos preservados usando a data 2015 EC (por vezes registada como DC; porventura um erro de tradução — tenho de verificar) em diante. Outros acontecimentos Calamitosos, tais como terremotos, subida do nível do mar, furacões e que tais, são mencionados ao longo de cinquenta a sessenta anos dos textos preservados, mas

rapidamente aumentam de tamanho e alcance para o fim da coleção. São, contudo, pequenos em comparação com o terramoto que fendeu a costa ocidental e a inundação que reformou o Delta do Rio Grande.

De novo, a tradução pode não ser fiável. Alguns textos variam em qualidade de preservação, e para minha surpresa e desgosto, muitos parecem discordar quanto à severidade ou magnitude dos acontecimentos, particularmente os que se referem ao clima. Enquanto um registo poderá considerar um inverno ameno como um prenúncio de uma mudança climática catastrófica, um outro subestima o mesmo período de tempo ou enfatiza um inverno mais frio noutro lado. Este padrão é muito perturbador, conquanto parta do princípio de que a maioria dos consumidores destes documentos tivessem sido capazes de identificar a parcialidade, bem como as mentiras ou manipulações que são apresentadas.

Logrei encontrar uma menção a um pequeno ataque nuclear datado do ano de 2022 EC. Não consegui discernir os combatentes envolvidos, apenas que o ataque ocorreu num continente diferente, longe de grandes centros populacionais, num clima frio. Isto leva-me a pensar ter-se tratado mais de uma demonstração de força do que de um ato de guerra, se é que se pode crer em algo tão tolo. Contudo, significa, quando tomado em conjunção com a datação da queda de cinza radiada, que no mínimo o ano 2000 AE do nosso calendário



poderá ter sido o equivalente ao ano 2022 EC no calendário pré-Calamidades. Mas, se pressionado, eu presumiria que algum tempo separa os dois, porventura uma década ou mesmo um século. A investigação avança devagar, mas eu sinto verdadeiramente que estes passos vão na direção certa, e que a informação que eu sou capaz de encontrar será vital para o nosso futuro.

Se alguma coisa acontecesse às criptas da Montanha do Chifre, a nossa própria civilização perderia qualquer ligação ao passado e aos avisos que nos deixou. Portanto, encabeçarei um esforço de traduzir, o melhor que nos permitirem as nossas capacidades, a maior quantidade possível dos volumes mais tardios dos textos preservados. Se nada mais, os dirigentes mundiais deveriam saber o que sucedeu aos nossos antepassados, de modo a poderem evitar um tal desastre no futuro. Estou particularmente preocupado com a alteração climática criada pelo Homem, armadilha na qual é fácil cair, especialmente no caso de sociedades avançadas. Especulo que tenha já começado aos pedaços, mas tenho esperança de que as nossas nações consigam evitar o que os nossos antepassados não conseguiram.

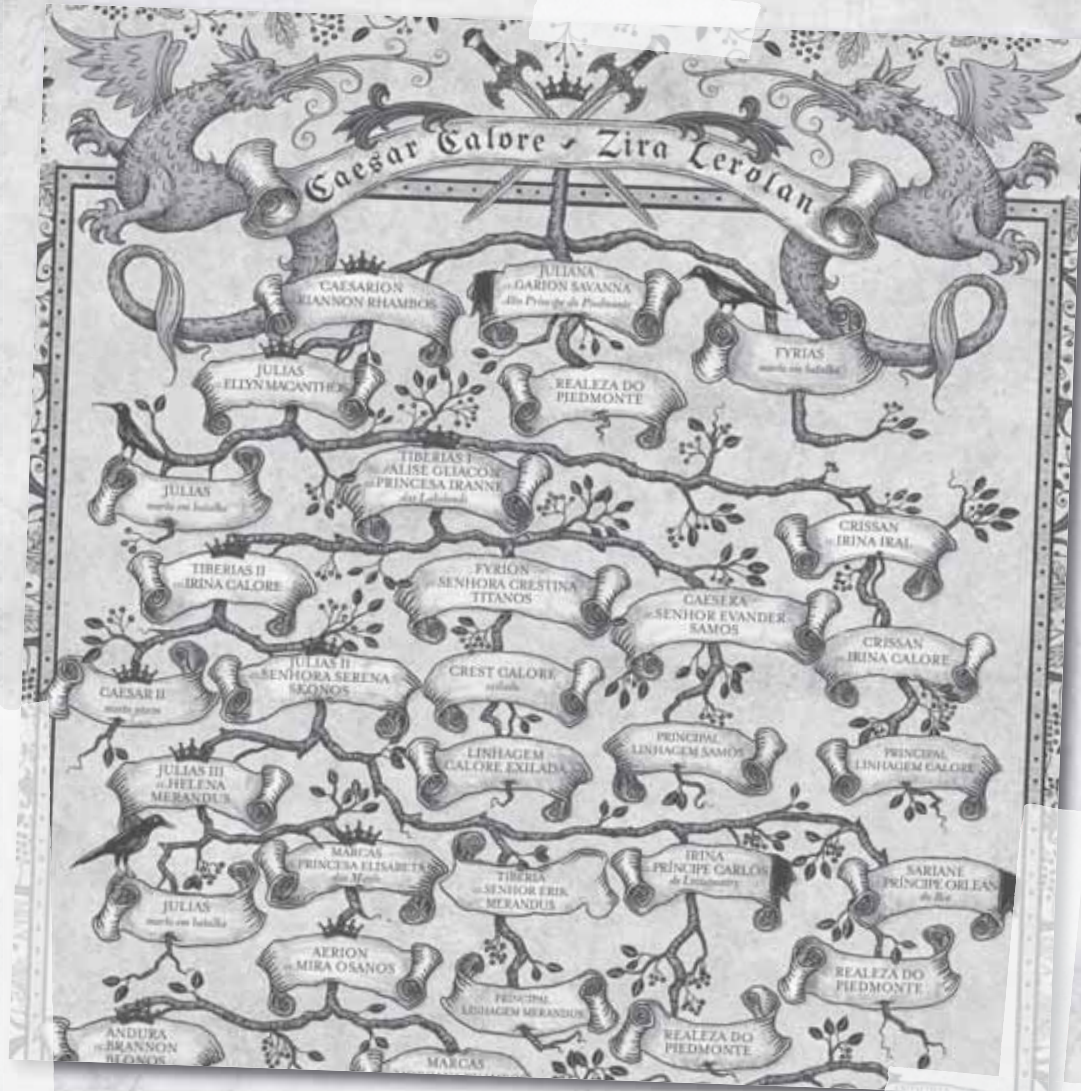
Incluí uma tradução na página seguinte, se bem que incompleta. Passa uma mensagem vívida da espada que pende sobre todos nós.

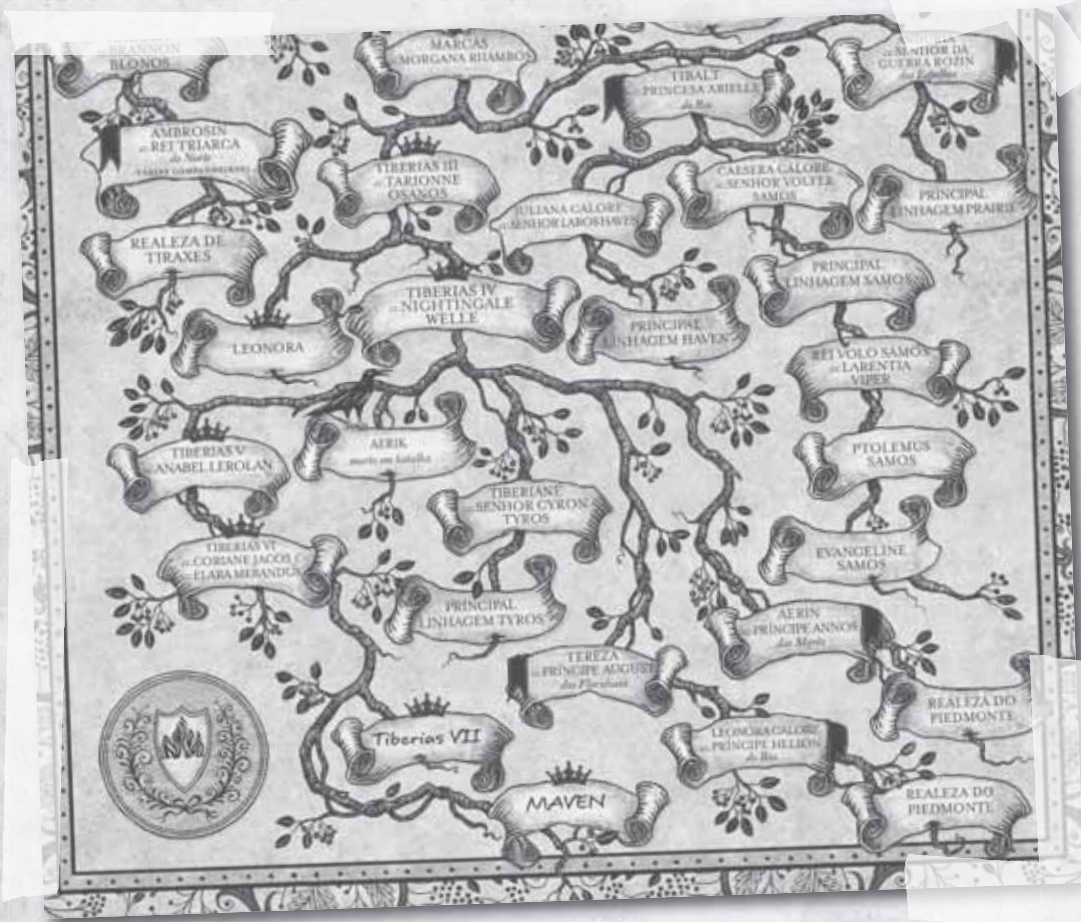
Novos estudos <NÃO TRADUZIDO> corrente seca no Médio Oriente (?) é a pior da região <NÃO TRADUZIDO> últimos 900 anos <NÃO TRADUZIDO> Exacerbada pelo aquecimento global <NÃO TRADUZIDO> Precipitação baixou 40% <NÃO TRADUZIDO> Poços profundos drenando aquíferos <NÃO TRADUZIDO> quebra da produção agrícola <NÃO TRADUZIDO> milhões fogem para cidades já sobrepopoadas <NÃO TRADUZIDO> instabilidade política <NÃO TRADUZIDO> guerra civil <NÃO TRADUZIDO> crises de refugiados por toda a região <NÃO TRADUZIDO> para nações limítrofes <NÃO TRADUZIDO> colapso político a nível mundial

Esta é uma peça integrante do quebra-cabeças que temos de terminar se é que podemos esperar entender o mundo que nos precedeu, e como chegámos à existência no mundo presente.

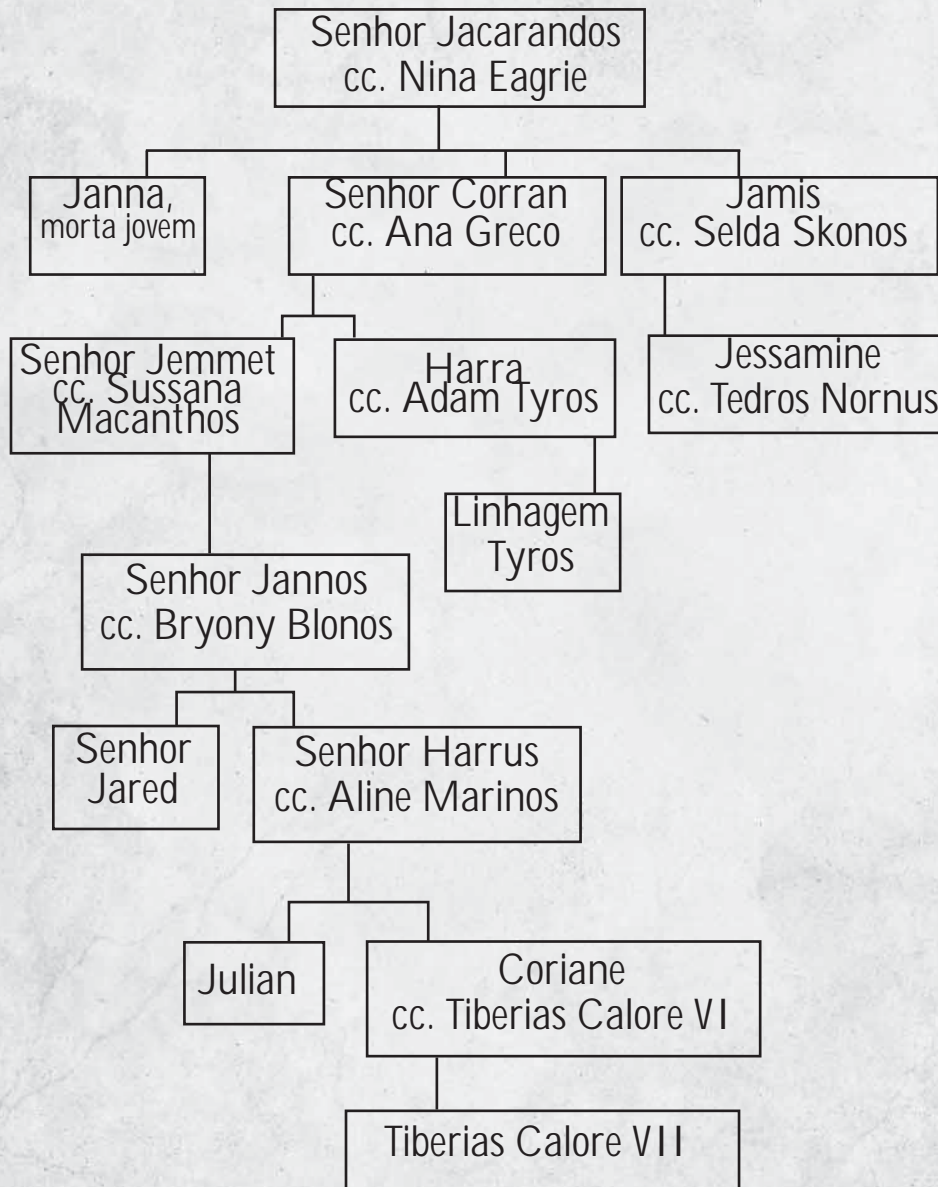
Sou simplesmente um homem curioso, mas porventura possa dar pelo menos um passo adiante no nevoeiro que nos rodeia, para que outros me possam seguir. Tu tens algo da tua mãe em ti, Cal, o bastante para te deleitares no conhecimento de como as coisas funcionam. Tenho esperança de que estes exemplares dos meus estudos sejam de algum interesse para ti. Tenho esperança de que te juntes a mim a limpar o nevoeiro.
— Tio Julian

Estou ciente de que és bem versado na história da tua Casa, tendo-te ensinado parte dela eu próprio. Mas achei que acaso gostasses de guardar isto contigo, em vez de confiares na sobrevivência das bibliotecas de Norta, assim como na tua imperfeita memória. Sim, disse imperfeita. Peço desculpa que o registo da minha própria Casa e da família da tua mãe não seja assim tão extenso, mas, na minha juventude, eu era lamentavelmente desinteressado pelo meu legado. E por alguma razão a minha linhagem de sangue não está assim tão bem documentada como uma linhagem de reis. Deveras estranho. — Tio Julian





Árvore da Família Jacos



Os livros de História ainda
não chegaram bem a ti,
mas duvido que
te importes.
— JJ

MONARCAS *da* CASA CALORE

CAESAR I

1 janeiro, 0–3 outubro, 37 NE

Tão dedicado à sua nova dinastia, nação e imagem era Alexandrus Caesar Calore que esperou uns bons dois meses depois de conquistar Nortá para se coroar ao bater da meia-noite da passagem de ano. Declarou uma nova era com o início do seu reinado. Assim sendo, o calendário de Nortá tem início no exato momento em que a coroa tocou uma cabeça Calore. Embora guerreiro a princípio, o Rei Caesar era um dotado diplomata. Casou a sua filha Juliana com o Alto Príncipe do Piedmonte, cimentando uma aliança de longa data para proteger a fronteira sul de Nortá. O Rei Caesar criou igualmente o rito da Prova da Rainha. Exceto

sob circunstâncias extraordinárias ou quando casando fora do reino, qualquer herdeiro Calore ao trono desposaria o — ou a — mais forte pretendente que se apresentasse. O Rei Caesar fundou igualmente a nova capital em Archeon, construindo o Palácio de Fogo Branco e a sede do governo de Norta. O rei morreu num «acidente» de duelo, atingido no coração. A espada romba de treino do seu opositor fora substituída por uma aguçada lâmina. Diz a lenda que a última palavra que o Rei Caesar proferiu foi «Fyrias», o nome do seu filho mais novo, que morrera numa escaramuça ao longo da fronteira das Terras Disputadas. No seguimento de uma investigação, o seu parceiro de duelo foi executado, mas os historiadores postulam que o próprio filho de Caesar providenciou o homicídio de seu pai.

CAESARION

3 outubro, 37–20 julho, 44 NE

Seguir os passos de um grande pai provou ser difícil para Caesarion, que cresceu com pouco conhecimento da guerra e menos aptidão militar do que o seu progenitor. Preocupava-se mais com os luxos da monarquia, e iniciou a construção do palácio de verão: a Mansão do Sol. Antes da sua conclusão, morreu no mar quando o seu iate de recreio se afundou ao largo das Ilhas Bahrn. Dizem as testemunhas ter-se o rei afogado devido ao peso das suas joias e coroa, embora haja também relatos de tubarões a alimentarem-se dele. É possível que o afundamento da sua embarcação haja sido orquestrado por aqueles leais a seu pai, o rei assassinado.



JULIAS I

20 julho, 44–1 agosto, 60 NE

Em flagrante contraste com seu pai, Julias era um guerreiro até ao tutano, e por vezes em seu detrimento. Combateu regularmente os senhores do Norte no Reino das Lakelands. O seu primogénito e herdeiro, Julias, morreu numa dessas escaramuças aos dezassete anos de idade. A sua morte mergulhou o seu pai em luto profundo, e ele morreu calmamente, após recusar tratamento para a doença por parte de um curador de pele.

TIBERIAS, O GRANDE

1 agosto, 60–10 novembro, 105 NE

Obisneto de Caesar Calore é considerado o seu verdadeiro sucessor, e permanece o monarca que mais tempo reinou da dinastia Calore. No decurso do seu reinado de quarenta e cinco anos, Tiberias I terminou a Mansão do Sol, reforçou as relações com as Lakelands a norte, e alargou as fronteiras de Nortá incluindo a Brecha na sua totalidade. Pedacos de terras Samos ainda resistiram ao governo Calore, e o próprio Tiberias conduziu um exército até às montanhas da Brecha. O que restava de rebeldes Samos foram chamados à ordem, e, contra o instigar do seu conselho, Tiberias não erradicou a dinastia Samos, concedendo-lhes clemência a troco da sua lealdade e terras. O governo da Brecha foi dado à Casa Laris, embora a Casa Samos permanecesse uma das mais fortes famílias do reino. O Rei Tiberias foi igualmente

pioneiro no uso das cidades *tech*, estabelecendo várias por toda a Norta. O reino Prateado haveria de colher os benefícios da sua lei por muitos séculos, crescendo em poderio económico e tecnológico. Ao fim de muitos anos sem produzir um herdeiro, Tiberias I divorciou-se da sua mulher para desposar uma princesa Lakelander, que lhe deu três filhos. Morreu pacificamente durante o sono.

TIBERIAS II

1 agosto, 105–30 maio, 107 NE

Tiberias II sucedeu a seu pai já em idade mais avançada e governou por menos de dois anos. Morreu subitamente de uma moléstia apenas citada como «nervos ruins». Mesmo ao longo de tão breve período de tempo, tornou-se claro que ele não servia para o trono e muito provavelmente teria sido facilmente manipulado pelo seu conselho e senhores se tivesse vivido.

CAESAR II

30 maio, 107–9 dezembro, 118 NE

Dado o Rei Caesar ainda não ser maior de idade ao chegar ao trono, sua avó, a princesa Lakelander Iranne, e sua mãe, Irina Calore, governaram como suas regentes. Seu tio, o Príncipe Fyrion Calore, opôs-se a um governante estrangeiro e clamou ser ele mais indicado para o trono. Fyrion e sua mulher, apoiada pela sua família Titanos, lideraram uma



guerra civil contra Caesar II. Acabaram por ser derrubados pelas forças da Rainha Regente e da Princesa Caesera. Caesera, filha de Tiberias, o Grande, casara na Casa Samos, e o seu apoio foi crucial para manter Caesar II no poder. O Príncipe Fyrion foi executado pela sua tentativa de usurpar o trono, e o seu filho bebé, o Príncipe Crest Calore, foi exilado de Norta. Gerou um ramo cadete da Casa Calore no Ocidente, mas registos de tal dinastia perderam-se ou foram destruídos. A linhagem de Fyrion, se é que ainda existe, seria o único outro ramo da árvore Calore ainda vigente.

O próprio Caesar II era um rapaz doentio, constantemente vigiado por guardas Skonos, e requeria cura de sangue regularmente. É descrito como tendo «apodrecido», morrendo aos vinte e cinco anos. Não teve filhos, e correm rumores de que a sua enfermidade se devia a seus pais, Tiberias II e a Rainha Irina, serem primos em primeiro grau.

JULIAS II

9 dezembro, 118–22 março, 140 NE

Dado Caesar II não ter filhos, a coroa passou para o seu irmão mais novo. Julias II desposou Serena Skonos, uma das constantes guardiãs de seu irmão, e não mostrou ter nenhuma das enfermidades genéticas do irmão. Por esta razão, é crença de alguns historiadores não ser o seu pai Tiberias II e ter a sua mãe, a Rainha Irina, tido um caso com algum cortesão de Norta. Julias II não se deixou perturbar de todo por tais insinuações, já que a sua própria mãe era uma Calore por nascimento, e ele não deixava de ser descendente direto de Caesar I. Mais importante que tudo, Julias II era um *burner*⁵ como todos os demais reis

⁵ Queimador, flamejante ou chamejante. (N. de T.)

Calore antes dele. Se é que a sua mãe fora infiel, teria sido extremamente raro ele ter herdado a sua aptidão e não a do seu verdadeiro pai. O seu reinado foi de contrário calmo, já que os reinos de Nortá, Piedmonte e Lakelands estavam em paz. Durante a sua regência de trinta e dois anos, Julias II levou a cabo uma campanha de construção de arenas, expandindo a prática da Primeira Sexta-Feira por todo o reino. Casou duas das suas filhas com príncipes do Piedmonte, aprofundando os laços entre os dois reinos.

JULIAS III

22 março, 140–28 dezembro, 151 NE

Não obstante o instigar de seu pai, Julias III ignorou o rito da Prova da Rainha por uma união de amor, e desposou Helena da Casa Merandus. Os historiadores interrogam-se abertamente se o jovem príncipe terá sido movido pela aptidão da noiva e não por romance. Depois de Julias III ser coroado, o seu filho e herdeiro embarcou num circuito de Nortá. De visita à fronteira na Catarata das Donzelas, o comboio foi emboscado por bandidos Vermelhos e o Príncipe Julias foi morto. Em retaliação, Julias III decretou que as cidades Vermelhas em torno da fronteira fossem arrasadas e desimpedidas para darem lugar a uma cidade-fortaleza. Ordenou aos Vermelhos que construíssem Corvium e depois recrutou a maior parte deles para as forças armadas de Nortá. Os restantes foram deportados para cidades *tech* por todo o reino para reforçar a população trabalhadora. Calore algum tornou a dar a um filho o nome de Julias, já que era considerado um nome azarento.

M A R C A S

28 dezembro, 151–12 dezembro, 159 NE

Tal como o seu pai, o Rei Marcas renunciou ao rito da Prova da Rainha, ainda que por uma mais forte aliança com o Piemonte. Desposou Elisabeta, uma Princesa das Marés. Embora tenha reinado apenas por oito anos, o seu governo foi considerado uma era frutuosa em Nortá, devido sobretudo à sua mãe Merandus e à sua mulher. O rei era amplamente inepto e pouco inteligente, delegando os seus deveres nas duas rainhas, que levaram a cabo uma campanha para melhorar as infraestruturas e a economia de Nortá. A Rainha Elisabeta, originária do Piemonte, foi pioneira da Via Verde, um sistema de estradas ligando Nortá e o seu país natal. A Rainha Viúva Helena voltou as suas atenções para a expansão da rede elétrica de Nortá de fronteira a fronteira, alcançando até remotas comunidades Vermelhas. Quando o Rei Marcas morreu de uma queda, embriagado, as duas rainhas continuaram o seu trabalho em conjunto com o herdeiro e único filho, Aerion.

A E R I O N

12 dezembro, 159–2 fevereiro, 188 NE

O Rei Aerion partilhava a paixão de sua mãe pela arquitetura, e juntos construíram a agora icónica Ponte de Archeon. Durante este período, espíões de Nortá liderados pela Casa Merandus e a Casa Iral ajudaram senhores da guerra de Prairie na sua guerra fronteiriça com as Lakelands. Suportados com dinheiro do Tesouro e do

próprio rei, os exércitos de Prairie conquistaram valiosa terra de cultivo na região de Minnow e forçaram a fronteira Lakelander de volta para a outra margem do Rio Grande. O Rei Aerion usou esta tática para enfraquecer o vizinho mais próximo de Norta, sabendo que os seus dois reinos inevitavelmente se viriam a digladiar no futuro. Influenciado por sua mãe e pela avó, o Rei Aerion decretou que a sua linha de sucessão dependeria de aptidão, não de género. Daí que a sua primogénita, uma filha chamada Andura, fosse herdeira ao trono, seguida de seu irmão mais novo.

ANDURA

2 fevereiro, 188–27 setembro, 199 NE

Na qualidade de primeira rainha regente de Norta, Andura deparou-se com considerável oposição da nobreza e do seu governo. Casou-se através da primeira Prova do Príncipe, desposando um filho da Casa Blonos, que se tornou seu príncipe consorte. A Rainha Andura foi uma famosa guerreira e diplomata, capaz de ocultar o envolvimento de Norta nas guerras de Prairie com as Lakelands. Manteve uma vacilante paz com o Norte, ao mesmo tempo que, secretamente, fortalecia os exércitos da sua nação, expandindo o recrutamento Vermelho às mulheres, bem como abrindo a carreira militar a qualquer mulher Prateada que se desejasse alistar. O único filho de Andura não herdou as suas aptidões de *burner*, e para manter a paz no reino, preservou o decreto paterno de sucessão. O seu irmão permaneceu seu herdeiro até à sua morte numa sublevação Vermelha em Harbor Bay. Sublevações semelhantes ganhavam força em Norta, nas Lakelands e no Piedmonte, onde os suseranos Prateados se debatiam para manter sob controlo uma maior população Vermelha. O



filho de Andura, Ambrosin, deixou Nort a seguir à morte de sua mãe para buscar fortuna no Ocidente. É um altamente dotado curador de sangue, praticamente imortal devido à sua aptidão, e ainda vive como Rei Triarca em Tiraxes. Tem mais de cem anos.

TIBERIAS III

27 setembro, 199–30 março, 222 NE

Como primogénito do irmão da Rainha Andura, Tiberias tornou-se herdeiro ao trono após a morte de seu pai. Subiu ao poder durante um tempo caótico de rebelião Vermelha e relações degradadas com as Lakelands. Um dos seus primeiros atos como rei foi convocar uma cimeira com a monarquia das Lakelands, mas as negociações rapidamente se romperam e foi declarada a Guerra das Lakelands. Duraria mais de um século e clamaria milhões de vidas, tanto Vermelhas como Prateadas. Tem sido sugerido que a guerra foi de facto uma guerra de raiva, mas de necessidade também, servindo para cercear as populações Vermelhas tanto em Nort a como nas Lakelands.

LEONORA

30 março, 222–3 janeiro, 237 NE

Tal como a sua avó, Leonora foi a filha primogénita de um monarca Calore, pelo que herdou o trono em detrimento do seu irmão mais novo. Recusou o rito da Prova do Príncipe e nunca casou,

mas Mariane Nolle foi sua consorte até à morte, tendo-lhe sido dado o estatuto de princesa. Leonora foi o primeiro regente Calore a deixar Nortá durante o seu reinado, embarcando num circuito do Piedmonte para visitar primos e vários dignitários. Visitou igualmente Corvium muitas vezes para supervisionar o Caldeirão, um baldio em rápida expansão servindo como fronteira de guerra entre as trincheiras das Lakelands e de Nortá. Por decreto seu, as suas sobrinhas e sobrinhos foram parcialmente criados na frente de guerra para aprenderem as questões militares em primeira mão.

TIBERIAS IV

3 janeiro, 237–2 setembro, 270 NE

Continuando a tradição militar estabelecida pelos seus antepassados, Tiberias IV era general nas forças armadas de Nortá antes de suceder à sua irmã mais velha. Superintendeu mais de trinta anos de guerra como rei, e para o fim do seu reinado iniciou uma campanha mais clandestina contra as Lakelands. Utilizou uma vasta rede de espões, encabeçada pela Casa Iral, para se infiltrar em baluartes Lakelanders, localizar movimentos de tropas, sabotar cadeias de abastecimento e assassinar figuras cruciais no seu governo e forças armadas. O segundo filho do rei, Aerik, morreu em retaliação por um de tais assassinatos. Ao revistar tropas na fronteira com as Lakelands, Aerik foi emboscado e morto por Lakelanders disfarçados de Vermelhos. Após a morte do filho, Tiberias IV passou a maior parte do seu tempo na frente, deixando o seu herdeiro a reger em seu lugar, a partir da capital, e a aprender a arte de governar em primeira mão.

TIBERIAS V

2 setembro, 270–1 agosto, 296 NE

Depois de cumprir o rito da Prova da Rainha, Tiberias desposou Anabel da Casa Lerolan, os tradicionais governadores de Delphie. Tiberias V manteve igualmente um consorte masculino, Robert Iral, que coroou como príncipe. A Rainha Anabel e o Príncipe Robert foram ambos grandes patronos das artes durante o reinado do seu rei. Embora menos inclinado para as forças armadas do que o seu pai, Tiberias V criou parcialmente o seu filho na frente para o preparar para liderar uma nação em guerra. Não obstante o conflito com as Lakelands, o seu reinado foi considerado pacífico e próspero para os Prateados de Norta. Tiberias V morreu de uma debilitante doença cancerosa, apesar dos melhores esforços dos seus curadores de pele pessoais.

TIBERIAS VI

1 agosto, 296 NE–PRESENTE

Antes de ascender ao trono, Tiberias VI recusou o rito da Prova da Rainha e chocou a corte ao desposar Coriane Jacos, uma senhora de uma Casa Prateada relativamente baixa e pobre.

O CANTO DA RAINHA





Como de costume, Julian deu-lhe um livro.

Tal como no ano anterior, e no ano antes desse, e em cada dia de festa ou ocasião que ele encontrasse entre os aniversários de sua irmã. Ela tinha estantes dos seus ditos presentes. Alguns dados de verdade, e alguns simplesmente para libertar espaço na biblioteca a que ele chamava câmara de dormir, onde os livros estavam empilhados tão alto e de forma tão periclitante que até aos gatos era difícil navegar pelas labirínticas pilhas. Os temas variavam, desde contos de aventuras de corsários de Prairie a cediças coleções de poesia a respeito da insípida Corte Real que ambos se esforçavam por evitar. *Bom para acendalha*, dizia Coriane de cada vez que ele lhe deixava mais um enfadonho volume. Certa vez, pelo seu décimo segundo aniversário, Julian deu-lhe um antigo texto escrito numa língua que ela não sabia ler. Língua que ela assumiu ele apenas fingir entender.

Não obstante o desagrado pela maioria das suas histórias, ela mantinha a sua crescente coleção em estantes impecáveis, estritamente alfabetizadas, com as lombadas viradas para a frente exibindo os títulos nas

encadernações de couro. Na sua maior parte permaneciam intocadas, por abrir, por ler, tragédia que nem mesmo Julian lograva encontrar palavras para lamentar. Nada há de tão terrível como uma história não contada. Mas Coriane conservava-os ainda assim, bem desempoeirados, polidos, as suas letras estampadas a ouro brilhando à luz nebulosa do verão ou nas sombras pardacentas de inverno. Em cada um estava rabiscado *Do Julian*, e essas palavras estimava-as ela acima de praticamente todas. Só os seus verdadeiros presentes eram mais amados ainda: os manuais e guias forrados a plástico, metidos entre as páginas de uma genealogia ou enciclopédia. Uns quantos mantinham corte na sua cama, enfiados sob o colchão, para serem sacados à noite quando ela podia devorar esquemas técnicos e estudos de máquinas. Como construir, desmanchar e manter motores de transportes, jatos aéreos, equipamento de telegrafia, até lâmpadas e fogões de cozinha.

O pai não aprovava, como ditava o costume. Uma filha Prateada de uma Casa da alta nobreza não deveria ter os dedos manchados de óleo de motor, as unhas lascadas por ferramentas tomadas «emprestadas» ou os olhos raiados de sangue de demasiadas noites passadas a esmiuçar literatura inadequada. Mas Harrus Jacos esquecia as suas apreensões de cada vez que o monitor de vídeo no salão da propriedade sofria um curto-circuito, silvando faíscas e mostrando imagens turvas. *Arranja-o, Cori, arranja-o*. Ela obedecia às ordens, esperando que fosse essa a vez de o convencer. Só para ver os seus ofícios de latoaria escarnejados uns dias mais tarde, e todo o seu bom trabalho esquecido.

Ela congratulava-se por ele estar fora, distante na capital a ajudar o tio, o senhor da Casa Jacos. Desse modo ela podia passar o seu aniversário com as pessoas que amava. Nomeadamente, o seu irmão, Julian, e Sara Skonos, que viera especificamente para a ocasião. *Mais bonita de dia para dia*, pensou Coriane, apreciando a sua amiga mais querida. Tinham-se passado meses depois do seu último encontro, quando Sara completara quinze anos e se mudara permanentemente para a Corte Real. Não há tanto tempo assim, realmente, mas a rapariga já parecia diferente, mais aguçada. Os seus malares cruelmente recortados por sob a pele de algum

modo mais pálida que antes, como que exangue. E os olhos cinzentos, outrora estrelas cintilantes, pareciam escuros, cheios de sombras. Mas o seu sorriso vinha fácil, tal como sempre sucedia na companhia dos filhos Jacos. *Na companhia de Julian, na verdade*, sabia-o Coriane. E o seu irmão era igualzinho, todo ele sorrisos, mantendo uma distância que rapaz algum não interessado pensaria em manter. Ele tinha consciência cirúrgica dos movimentos dela, e Coriane tinha consciência cirúrgica do seu irmão. Aos dezassete anos, não era demasiado jovem para propostas de casamento, e ela suspeitava de que uma teria lugar nos próximos meses.

Julian não se dignara a embrulhar o presente. Já era lindo por si só. Encadernado a couro, riscado com os empoeirados amarelo-dourados da Casa Jacos, com a Coroa Flamejante de Nortá gravada a relevo na capa. Não havia qualquer título no rosto ou na lombada, e Coriane percebeu que não havia qualquer guia oculto nas suas páginas. Franziu ligeiramente o cenho.

— Abre-o, Cori — disse Julian, detendo-a antes que ela pudesse atirar o livro para a magra pilha de outros presentes. Todos eles insultos velados: luvas para esconder mãos de «plebeia», vestidos impraticáveis para uma corte que ela se recusava a visitar e uma caixa de doces, já aberta, que o pai não queria que ela comesse. À hora de jantar, já teriam desaparecido.

Coriane obedeceu à instrução e abriu o livro para dar com ele vazio. As suas páginas creme estavam em branco. Enrugou o nariz, não se dignando a fazer-se passar por irmã agradecida. Julian não requeria tais mentiras e, fosse como fosse, veria através delas. Mais ainda, não havia ali ninguém para lhe ralhar por tal comportamento. *A Mãe morreu, o Pai está ausente e a Prima Jessamine está abençoadamente ainda a dormir*. Só Julian, Coriane e Sara estavam sentados a sós na sala do jardim, três pedras chocalhando na jarra empoeirada da propriedade Jacos. Era um escancarado espaço a condizer com o omnipresente e amplo vazio no peito de Coriane. Janelas em arco davam para um emaranhado arvoredado de outrora ordenadas roseiras que não viam as mãos de um *greenwarden*⁶ há uma década.

⁶ Guardião Verde. (N. de T.)

O chão precisava de uma boa varredela e as cortinas douradas estavam cinzentas de pó, e muito provavelmente de teias de aranha também. Até mesmo a pintura sobre a lareira de mármore encardida perdera a sua moldura dourada, há muito vendida. O homem que os fitava da tela nua era o avô de Coriane e Julian, Janus Jacos, que certamente desesperaria com o estado da sua família. Nobres pobres, aproveitando-se de um antigo nome e tradições, de ano para ano com menos se havendo.

Julian riu-se, com a usual sonoridade. *Afetuoso exaspero*, sabia Coriane. A melhor forma de descrever a sua atitude para com a sua irmã mais nova. Era dois anos mais nova que ele, e ele apressava-se a lembrar-lhe da sua idade e intelecto superiores. Gentilmente, claro está. Como se isso fizesse alguma diferença.

— É para tu escreveres nele — insistiu ele, deslizando os dedos longos e finos pelas páginas. — Os teus pensamentos, como ocupas os teus dias.

— Eu sei o que é um diário — replicou ela, fechando o livro com força. Ele não se ralou, não se dignando a ofender-se. Julian conhecia-a melhor que ninguém. *Mesmo quando eu digo as palavras erradas*. — E os meus dias não valem grande registo.

— Disparate, és bem interessante quando tentas.

Coriane abriu-se num sorriso. — Julian, as tuas piadas estão a melhorar. Encontraste finalmente um livro que te ensinasse o sentido de humor? — Os seus olhos lampejaram para Sara. — Ou alguém?

Enquanto Julian se ruborizava, as suas faces azulando-se de sangue prata, Sara não se abalou. — Eu sou uma curadora, não fazedora de milagres — disse, a sua voz uma melodia.

A risada de todos três ecoou, enchendo o vazio da casa de campo por um gentil momento. No canto, o velho relógio badalou, fazendo soar a hora do tormento de Coriane. Nomeadamente, a Prima Jessamine, que chegaria a qualquer momento.

Julian foi lesto a levantar-se, espreguiçando o vulto esguio em transição para a idade viril. Ainda tinha que crescer, para cima e para fora. Coriane, por outro lado, tinha a mesma altura há anos e não mostrava

sinais de mudança. Era corriqueira em tudo, desde os olhos de um azul quase descolorido até ao fino cabelo castanho-avelã que teimosamente se recusava a crescer muito além dos ombros.

— Não querias isto, pois não? — disse ele, acercando-se da irmã. Tirou da caixa uns quantos doces cobertos de glacê, ganhando uma enxotada em resposta. *Que se dane a etiqueta. São meus.* — Cuidado — preveniu ele —, vou contar à Jessamine.

— Não é preciso — soou a voz de cana rachada da velha prima, ecoando da entrada colunada para a sala. Com um silvo de enfado, Coriane fechou os olhos, tentando fazer sumir Jessamine à força de intenção. *De nada vale, é claro. Não sou whisper nenhuma. Apenas uma singer.*⁷ E conquanto pudesse ter tentado usar as suas parcas aptidões em Jessamine, simplesmente acabaria mal. Velha como era Jessamine, a sua voz e aptidão eram ainda afiadas como chicotes, de longe mais rápidas que as suas. *Acabarei a esfregar o chão com um sorriso se a testar.*

Coriane adotou uma expressão cortês e virou-se para dar com a prima apoiada a uma bengala cravejada de joias, uma das últimas coisas bonitas naquela casa. Claro está, pertencia à mais abominável de todos. Jessamine há muito deixara de frequentar curadores de pele Prateados, para «envelhecer graciosamente» conforme as suas palavras. Embora, na verdade, a família não pudesse mais custear tais tratamentos por parte dos mais talentosos da Casa Skonos, ou mesmo de curadores de pele aprendizes de casta inferior e plebeia. Tinha agora a pele caída. De uma palidez parda-centa, com manchas púrpura de velhice salpicando-lhe as mãos e o pescoço. Nesse dia usava um turbante de seda amarelo-limão na cabeça, para ocultar o cabelo branco rarefeito que mal lhe cobria o crânio, e um vestido fluido a condizer. As orlas roídas da traça estavam bem escondidas, contudo. Jessamine era perita em ilusão.

— Sê um querido e leva isto para a cozinha, Julian, levás? — disse ela, apontando um dedo com unha comprida para os doces. — O pessoal ficará sobremaneira grato.

⁷ Sussurro e Cantora, respetivamente. (N. de T.)

Foi necessária toda a força de Coriane para não troçar. O «pessoal» pouco mais era do que um mordomo Vermelho mais vetusto que Jessamine, que nem *dentês* tinha, além da cozinheira e de duas criaditas, do qual de algum modo se esperava que mantivessem toda a propriedade. Bem poderiam desfrutar dos doces, mas é claro que Jessamine não tinha qualquer intenção de os deixar fazê-lo. *Acabaráo no fundo do lixo, ou mais provavelmente escondidos no quarto dela.*

Julian sentiu mais ou menos a mesma coisa, a julgar pela sua expressão retorcida. Mas argumentar com Jessamine era tão infrutífero como as árvores no corrompido velho pomar.

— Claro, Prima — disse ele com uma voz mais adequada a um funeral. Os seus olhos estavam apologeticos, enquanto os de Coriane mostravam ressentimento. Observou com muito mal velado sarcasmo enquanto Julian oferecia um braço a Sara, o outro arrebatando o seu inoportuno presente. Estavam ambos desejosos de escapar ao domínio de Jessamine, mas custando-lhes deixar Coriane para trás. Fizeram-no ainda assim, abandonando de bom grado a sala.

Isso mesmo. Deixem-me aqui. Deixam sempre. Abandonada a Jessamine, que chamara a si transformar Coriane numa filha respeitável da Casa Jacos. Dito simplesmente: *silenciosa.*

E sempre entregue ao pai, quando este retornava da corte, de longos dias à espera de que o Tio Jared morresse. O chefe da Casa Jacos, governador da região de Aderonack, não tinha filhos seus, pelo que os seus títulos passariam para o seu irmão, e a seguir para Julian depois dele. Pelo menos, não tinha filhos agora. Os gémeos, Jenna e Caspian, haviam morrido na Guerra das Lakelands, deixando o pai sem um herdeiro da sua carne, para não falar da vontade de viver. Era apenas uma questão de tempo antes que o pai de Coriane tomasse o ancestral lugar, e ele não queria perder tempo a fazê-lo. Coriane achava o comportamento perverso quando muito. Não podia imaginar fazer algo parecido a Julian, por mais zangada que ele a deixasse. Permanecer postada a vê-lo consumir-se de desgosto. Era um ato feio e desprovido de amor, e só pensar nele dava-lhe a volta ao

estômago. *Mas eu não tenho qualquer desejo de chefiar a nossa família, e o Pai é um homem de ambição, ainda que não de tato.*

O que planeava ele fazer com a sua eventual ascensão, ela não sabia. A Casa Jacos era pequena, sem importância, governadores de um remanso com pouco mais que o sangue de uma Alta Casa para os manter aquecidos à noite. E, claro, Jessamine, para se assegurar de que ninguém desse ares de que se estavam a afogar.

Tomou um assento com a graça de alguém com metade da sua idade, batendo com a bengala contra o chão sujo. — Que absurdo — resmungou, golpeando uma nuvem de pó rodopiante num raio de sol. — É tão difícil encontrar ajuda como deve ser atualmente.

Especialmente quando não se lhes pode pagar, troçou Coriane mentalmente. — Deveras, Prima. Tão difícil.

— Bem, passa para cá. Vejamos o que Jared enviou — disse ela. Uma mão em garra estendeu-se, abrindo-se e fechando-se num gesto que fez a pele de Coriane arrepiar-se. Mordeu o lábio entre os dentes, mascando-o para se abster de dizer a coisa errada. Em vez disso, ergueu os dois vestidos com que o tio a presenteara e pousou-os no sofá onde Jessamine se empoleirara.

Fungando, Jessamine examinou-os tal como Julian fazia aos seus antigos textos. Semicerrou os olhos aos pontos de costura e rendas, esfregando o tecido, puxando linhas soltas invisíveis de ambos os vestidos dourados. — Apropriados — disse após um longo momento. — Ainda que antiquados. Nem um nem outro são o último grito da moda.

— Que surpresa — não pôde Coriane deixar de pronunciar em voz arrastada.

Tum. A bengala bateu no chão. — Nada de sarcasmos, é impróprio de uma senhora.

Bem, todas as senhoras que conheci parecem bem versadas neles, tu mesma incluída. Se é que te posso sequer chamar senhora. Na verdade, Jessamine não ia à Corte Real há pelo menos uma década. Não fazia ideia de quais eram as últimas modas, e quando estava bem bebida de *gin*, nem sequer

se lembrava de que rei estava no trono. «Tiberias Sexto? Quinto? Não, é ainda o Quarto, certamente, a velha flama simplesmente não *morre*.» E Coriane recordava-lhe gentilmente de que eram regidos por Tiberias *Quinto*.

O seu filho, o príncipe herdeiro, seria Tiberias Sexto quando o pai morresse. Embora, com o seu reputado gosto pela guerra, Coriane se interrogasse se o príncipe viveria o bastante para usar uma coroa. A história de Nortá abundava de apaixonados tições Calore mortos em batalha, maioritariamente segundos príncipes e primos. Ela desejava silenciosamente o príncipe morto, nem que fosse para ver o que aconteceria. Ele não tinha irmãos de que ela tivesse conhecimento, e os primos Calore eram poucos, para não dizer fracos, se é que as lições de Jessamine eram de fiar. Nortá combatera os Lakelanders por um século, mas outra guerra interna estava certamente no horizonte. Entre as Altas Casas, para pôr outra família no trono. Não que a Casa Jacos viesse a estar envolvida de todo. A sua insignificância era uma constante, tal como a Prima Jessamine.

— Bem, a fazer confiança nas comunicações de teu pai, esses vestidos não tardarão a ser usados — prosseguiu Jessamine enquanto depunha os presentes. Sem cuidar das horas ou da presença de Coriane, sacou de uma garrafa de vidro com *gin* do vestido e deu um gole cordial. O odor a zimbro fez-se sentir no ar.

Franzindo o rosto, Coriane levantou os olhos das mãos, ocupadas agora a torcer as luvas novas. — O Tio não está bem?

Tum. — Que pergunta estúpida. Ele não está bem há anos, como sabes.

O rosto ardeu-lhe prateado com um ligeiro rubor. — Quero dizer, pior. Ele está *pior*?

— Harrus assim pensa. Jared recolheu-se nos seus aposentos na corte, e raramente participa em banquetes sociais, quanto mais nas suas reuniões administrativas ou no conselho de governadores. O teu pai substituiu-o cada vez com mais frequência. Para não mencionar o facto de o teu tio parecer estar determinado a emborcar os cofres da Casa Jacos. — Mais uma golada de *gin*. Coriane quase se riu ante a ironia. — O egoísta.

— Sim, egoísta — murmurou a rapariguinha. *Não me desejaste um feliz aniversário, Prima.* Mas não insistiu no assunto. Magoa ser apelidada de ingrata, mesmo por uma sanguessuga.

— Outro livro do Julian, estou a ver, e, oh, luvas. Maravilhoso, Harrus acatou a minha sugestão. E a Skonos, o que te trouxe ela?

— Nada. — *Ainda.* Sara dissera-lhe que esperasse, que o seu presente não era algo que fosse empilhado com os outros.

— Presente nenhum? E, contudo, aqui se senta ela, comendo a nossa comida, ocupando espaço...

Coriane fez os possíveis para deixar que as palavras de Jessamine flutuassem por cima dela para longe, quais nuvens num céu varrido de vento. Em vez disso, focou-se no manual que lera na noite anterior. *Baterias. Cátodos e ânodos, uso primário são descartados, secundário podem ser recarregados...*

Tum.

— Sim, Jessamine?

Uma velha de olhos esbugalhados fitava Coriane de volta, a sua irritação escrita em cada ruga. — Eu não faço isto para benefício meu, Coriane.

— Bem, certamente não é pelo meu — não pôde ela deixar de sibiliar.

Jessamine cacarejou em resposta, o seu riso tão friável que bem poderia cuspir pó. — Quem te dera, não era? Pensar que aqui estou sentada contigo, aturando as tuas carrancas e causticidade por diversão? Não te tenhas em tão grande conta, Coriane. Faço isto por nada mais que a Casa Jacos, por todos nós. Sei no que nos distinguimos melhor do que tu. E recordo-me do que fomos em tempos, quando vivíamos na corte, negociávamos tratados, éramos tão indispensáveis aos reis Calore como a sua própria flama. *Eu recordo-me.* Não há maior dor ou castigo do que a memória. — Volteou a bengala na mão, um dedo contando as joias que todas as noites polia. Safiras, rubis, esmeraldas, e um só diamante. Dados por pretendentes ou amigos ou família, Coriane não sabia. Mas eram o tesouro de Jessamine, e os seus olhos luziam como as pedras preciosas. — Teu pai será senhor da Casa Jacos, e teu irmão depois dele.

Isso deixa-te com precisão de um senhor teu. A menos que desejes aqui ficar para sempre?

Como tu. A implicação era clara, e de algum modo Coriane deu consigo incapaz de falar à conta de um súbito nó na garganta. Apenas logrou abanar a cabeça. *Não, Jessamine, não quero aqui ficar. Não quero ser como tu.*

— Muito bem — disse Jessamine. A sua bengala bateu uma vez mais. — Vamos começar o dia de hoje.

*

Ao fim do dia, Coriane sentou-se a escrever. A sua caneta voou através das páginas do livro de Julian, derramando tinta como uma faca faria derramar sangue. Escreveu a respeito de tudo. Jessamine, seu pai, Julian. O descoroador sentimento de que o seu irmão a abandonaria para se fazer sozinha ao iminente furacão. Ele agora tinha Sara. Dera com eles a beijarem-se antes do jantar, e conquanto sorrisse, fingindo rir, fingindo estar agradada com os seus rubores e gaguejadas explicações, Coriane desesperara em silêncio. *A Sara era a minha melhor amiga. A Sara era a única coisa que me pertencia.* Mas não mais. Tal como Julian, Sara ir-se-ia, até que a Coriane restasse apenas o pó de uma casa esquecida e de uma vida esquecida.

Pois independentemente do que Jessamine dissesse, da forma como ela se envaidecia e mentia quanto às chamadas expectativas de Coriane, nada havia a fazer. *Ninguém casará comigo, pelo menos ninguém com quem eu me queira casar.* Simultaneamente desesperava à conta disso e aceitava-o. *Jamais sairei deste lugar, escreveu. Estas paredes douradas serão a minha tumba.*